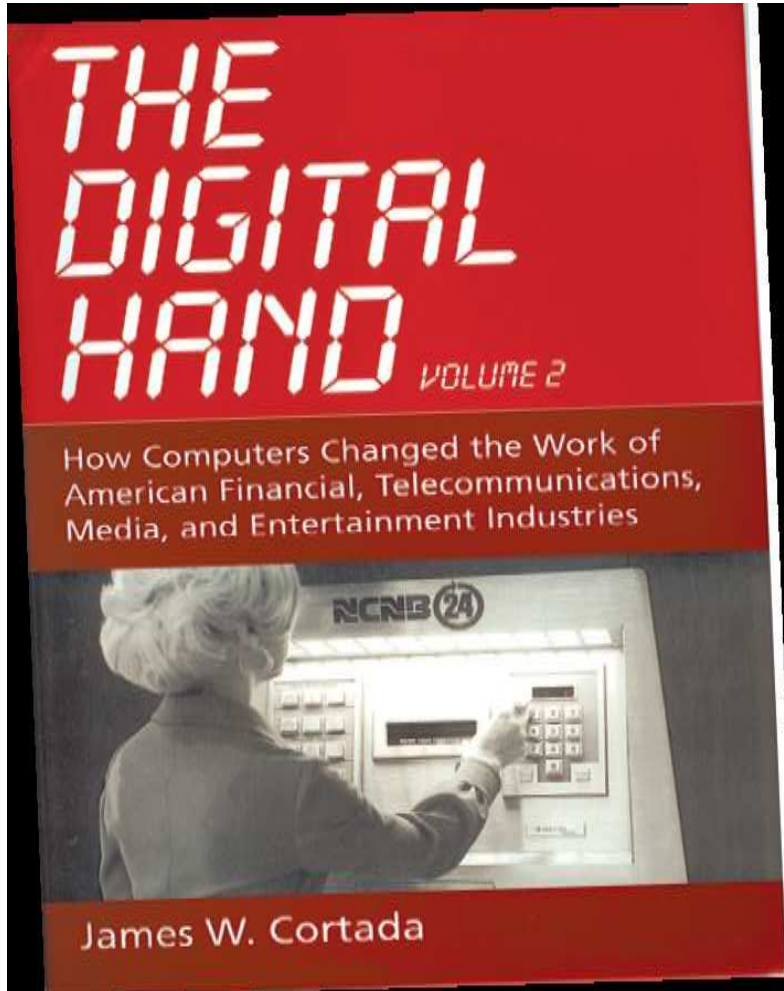


A Mão Digital estendida aos jornais

Carlos A. Müller - BSB, 12-11-07



No dia 12 de julho de 1987, o *New York Review of Books* publicou um desprezioso artigo do economista Robert Solow, que continha um comentário sarcástico: “Você pode ver a era dos computadores por toda parte, exceto nas estatísticas de produtividade”. Meses mais tarde, Solow ganharia o Nobel de Economia por sua contribuição à teoria do crescimento econômico. Ao receber a honraria, sequer se referiu ao assunto. Ainda assim, o texto, que se intitulava *We'd Better Watch Out*, ganhou vida própria e o aforismo se tornou conhecido como *O Paradoxo de Solow*. Nos anos seguintes, diversos economistas se dedicaram a explorá-lo, tratando de identificar e quantificar a contribuição para a produtividade da economia do que começava a ser chamado de Tecnologias da Informação (*TIs*).

Após cerca de uma década, a maioria dos trabalhos identificava uma relação positiva entre as *TIs* e os ganhos de produtividade, o que Solow só admitiu

relutantemente, passados mais dez anos. Outros autores, como Alfred Chandler Jr. e James Cortada, seguiram caminho diverso, reconstituindo o processo de incorporação das *TIs* pelos diversos segmentos econômicos. Em parceria com Chandler, que em 1978 ganhou o Prêmio Pulitzer por seu livro *The Visible Hand: The Managerial Revolution in American Business*, no qual sustentava que as técnicas de administração representavam a “mão visível” que conduzia o capitalismo americano, Cortada organizou uma coletânea sobre o papel da informação na formação dos Estados Unidos em *A Nation Transformed by Information*, de 2002. Desde então, Cortada dedicou-se a estudar “como os computadores transformaram o trabalho” nos mais diferentes setores da economia. O esforço foi dividido em três volumes com o título geral *The Digital Hand*, o mais recente dos quais acaba de ser lançado nos EUA. Para os leitores do *Jornal ANJ*, entretanto, os capítulos mais interessantes são os que integram o volume 2, publicado em 2006, no qual o autor examina como ocorreu a absorção das *TIs* nos setores de telecomunicações, mídia e entretenimento, além das finanças.

Cortada não se limita a analisar a relação entre *TIs* e produtividade. Na trilha de Chandler, sustenta que a transformação da natureza do trabalho nos setores observados foi tão profunda que resultou num novo estilo de fazer negócios, tornando-se tão importante quanto as próprias práticas administrativas e extensões naturais destas. Apesar de atribuir tamanha importância às tecnologias digitais, Cortada resiste à tentação tão comum de falar em “revolução causada pelos computadores”. Para ele, o que ocorreu foi uma metamorfose que de forma incremental atingiu um setor após o outro. Entende, também, que mais importante que a evolução tecnológica da informática propriamente dita é a que corresponde à sua aplicação.

Durante cerca de meio século, a distribuição da força de trabalho pelos diversos setores das empresas jornalísticas permaneceu praticamente inalterada. Isso começou a mudar lentamente no início da década de 60, pela mesma razão que em outras atividades: reduzir custos de mão-de-obra e, assim, elevar a produtividade. Os primeiros setores informatizados foram as áreas-meio: administração, contabilidade, distribuição etc. Até os anos 50, a área industrial ainda dependia de uma mão-de-obra especializada que preservava muitos dos atributos da era artesanal, inclusive um forte corporativismo. O desenvolvimento da tecnologia de pré-impressão e impressão, apesar de implicar em maiores investimentos em capital fixo, reduzia as exigências em relação à mão-de-obra qualificada – cujo contingente diminuiu em dois terços, entre 1970 e 1980 – e os gastos com sua remuneração. Ao mesmo tempo, a gradual informatização permitiu a redução da capacidade ociosa dos parques gráficos.

Ao longo dos anos 80, a informatização das redações e a introdução de sistemas online viabilizaram a integração das áreas editorial e de pré-impressão. A reestruturação das empresas jornalísticas prosseguiu durante o restante do

século XX, com uma intensidade sem precedentes, num processo de transformação das empresas jornalísticas que teve entre outras facetas a concentração do setor – Em 1960, 109 empresas controlavam 560 jornais e 45% da circulação. Trinta anos depois, 136 empresas eram proprietárias de 1.228 jornais, responsáveis por 75% da circulação. Na década de 90, o surgimento da Internet colocou em questão o modelo de negócio vigente desde o século XIX. A fase atual corresponde aos nanosegundos posteriores ao *Big Bang*, conforme um autor citado por Cortada. O que será da Galáxia de Gutenberg, observada por McLuhan, ainda está por ser conhecido.